



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



## AS IDENTIDADES DISCURSIVAS DE RÊ BORDOSA NA CENA BRASILEIRA DA DÉCADA DE 80: UMA ANÁLISE A LUZ DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Giselli F. Oliveira<sup>1</sup>  
Bruna Toso Tavares<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como propósito tecer uma breve análise de uma das personagens do cartunista Arnaldo Angeli Filho. Rê Bordosa, em sua HQ (História em Quadrinho) de mesma nomenclatura, apresenta uma variedade quantitativa em termos de identidades de si construídas no decorrer de suas histórias. Retrato psicológico e social perfeito do sexo feminino de sua década, as HQs eram publicadas diariamente no Jornal *Folha de S. Paulo*, durante os anos de 1980. De modo a construir uma crítica social midiática, sob os termos do reflexo da Revolução Sexual e o revanchismo das forças repressoras da ditadura, Angeli, famoso por seu humor anárquico, buscava discutir e abordar, sempre de maneira crítica, temas relevantes da realidade brasileira.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; História em Quadrinhos; Representações Femininas.

**Abstract:** This article aims to weave a brief analysis of the images themselves that the cartoonist Arnaldo Angeli Filho, famous for its anarchic humor, the character builds Rê Bordosa in your HQ (History of Comic) of the same nomenclature. Rê Bordosa, psychological and social portrait of the perfect female of its decade, was published in daily newspaper *Folha de S. Paulo* during the ineteenth-century Brazil, in order to build a critical social media under the terms of the reflection of the Sexual Revolution and the revenge of the repressive forces of the dictatorship, Angeli sought to discuss and address, always so critical, relevant issues of Brazilian reality.

**Key Words:** Discourse Analysis, History of Comics, Women's Representation.

### Introdução

O cartunista Arnaldo Angeli Filho, também conhecido como Angeli, quadrinista e pai dos ícones do underground paulista, veiculava, diariamente, no caderno “*Ilustrada*” do jornal *Folha de S. Paulo*, na década de 80, um de seus personagens de maior sucesso, a tresloucada “Rê Bordosa”. Nascido em São Paulo, compunha ao lado de Laerte Coutinho e Glauco Villas Boas, o grupo de cartunistas mais conhecidos do país. A partir dos anos 1980, época marcada por caracterizar um período de efervescência político-cultural, a transição da ditadura militar para um estado democrático foi materializada em uma fase em que a liberdade sexual e as lutas pelos direitos civis estavam se incorporando às relações sociais do dia-a-dia. A partir desse contexto, a condição feminina emergiu como questão social, cultural e política, em que a luta por igualdade de direitos se materializou de formas diversas, tais como o Clube das Mães, os movimentos culturais

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras da Unemat

<sup>2</sup> Professora temporária do curso de Letras da Unemat. Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG. (Orientadora)



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



feministas e a luta sindical. Dessa forma, após a ditadura, com a repressão da mídia amenizada, surgiram novas formas reflexivas no Brasil. Os quadrinhos, também conhecidos como *cartoons*, interpretavam, de modo diferente, o cotidiano brasileiro, fazendo uso de uma expressão artística para tecer críticas à política e satirizar as questões sociais.

O presente trabalho pode ser tomado como uma abordagem analítica sobre as narrativas gráficas do cartunista Angeli, assemelhando, aproximando e representando formas reflexivas da sociedade sobre si mesma. O referencial teórico utilizado foi elaborado com base na Teoria Semiológica de Patrick Charaudeau (2008), bem como o *ethos*, ou seja, as imagens que a personagem Rê Bordosa constrói de si mesma (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU; 2004:220).

### **Teoria Semiológica.**

Ao partir do pressuposto de que a linguagem pode ser estudada levando-se em consideração sua dimensão psicossocial, é necessário que se defina o conceito de sujeitos da linguagem. Com base na obra *Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem*, de Patrick Charaudeau (2008), o termo “discurso” é conceituado como uma manifestação linguageira que se utiliza de uma variedade de códigos semiológicos. Dessa forma, o discurso não deve ser erroneamente confundido com “texto”, pois “texto” nada mais é que a materialização do ato da linguagem. Discurso é uma sequência de frases que, na intenção da troca de informações, forma um grupo de circunstâncias determinadas, onde as características do termo “discurso” podem ser utilizadas em dois sentidos: discurso como encenação do ato de linguagem e discurso como conjunto de saberes partilhados.

Segundo Charaudeau (2008), o ato de linguagem é o feito de um “locutor-ouvinte ideal” e de um processo simétrico entre aquele que o produz e aquele que o recebe, ou seja, decodifica. O ato de linguagem (conjunto da realidade linguageira) se dá através das hipóteses onde o ato da linguagem combina Fazer (espaço que ocupam os responsáveis pelo ato da linguagem) e Dizer (encenação da qual participam os seres da palavra), constituindo assim uma totalidade formada pelo circuito externo (Fazer) e o circuito interno



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



(Dizer). É válido lembrar que todo ato de linguagem possui uma intencionalidade, ou seja, a encenação do Dizer depende de uma estratégia para obter resultado de significação. Sendo assim, o ato de linguagem é produto nem sempre consciente de seres psicossociais, pois segue um ritual predefinido sócio-lingueiro.

Através de um quadro teórico de Charaudeau (2008), obtemos algumas denominações e respectivas funções, sendo o sujeito conceituado como ser pensante, lugar de produção de significação lingüística, com finalidade de abstração de significado conforme lugar que ocupa. Os sujeitos podem ser classificados em comunicante, enunciador, destinatário e interpretante. Para que exista o ato lingüístico, os participantes são denominados “parceiros”. De maneira geral, conceituados como pessoas associadas, pertencentes a uma relação recíproca, os parceiros são implicados a uma relação contratual. Tal relação expõe os parceiros à necessidade de reconhecimento mútuo para que exista, assim, uma expectativa. A conversação, por exemplo, não depende de categorias profissionais para existir, e sim da competência atribuída no momento do encontro. A relação contratual depende de três componentes: comunicacional (quadro físico da situação interacional), psicossocial (dados e fatores sociais dos parceiros para que haja reconhecimento mútuo) e intencional (conhecimento imaginário que um dos parceiros possui sobre o outro, apelando por saberes supostamente partilhados).

De acordo com Charaudeau (2008), o sujeito comunicante é reconhecido por ter a iniciativa no processo de conversação. Já o interpretante, possui a iniciativa no processo de interpretação. No ato lingüístico, existe a interação de dois protagonistas, o sujeito enunciador e o sujeito destinatário. Concebidos de componentes de uma relação contratual, eles dependem de atitudes discursivas, formando assim um dispositivo complexo.

A partir das concepções de Charaudeau (2008), o ato de linguagem define-se como originário de uma situação de troca, dependendo de intencionalidade, organização, estratégias e significações, ocorrendo, assim, a fusão de um espaço interno com um espaço externo, o que nos remete a uma estrutura composta por três níveis: o nível situacional, que abrange os fatores que compõem o espaço externo do discurso, determinando a finalidade (“estamos aqui para fazer o quê?”), a identidade (“quem fala a quem?”), o domínio do saber (“sobre o quê se fala?”) e o dispositivo (“em que ambiente físico de espaço e tempo?”); o nível comunicacional, espaço onde estão situadas as maneiras de falar (“estamos aqui para falar de que



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



modo?”), construindo a questão “que papéis languageiros deve assumir que justifique seu direito à fala, que mostrem sua identidade e que lhe permitam tratar de certo tema em certas circunstâncias?”; por fim e não menos importante, o nível discursivo que constitui o lugar de intervenção do sujeito falante enquanto sujeito enunciador, atendendo às condições de legitimidade, credibilidade e captação. Por conseguinte, segundo Ruth Amossy (2005), é possível deixar explícito os conceitos basilares da retórica (arte do bem falar): *ethos* é a imagem, o caráter do orador produzido no discurso; *pathos* é a imagem dada pelo orador a seu auditório, na estruturação discursiva, relacionando-a às paixões; o *logos* é o discurso, a argumentação, o raciocínio, o tipo de provas (AMOSSY; 2005).

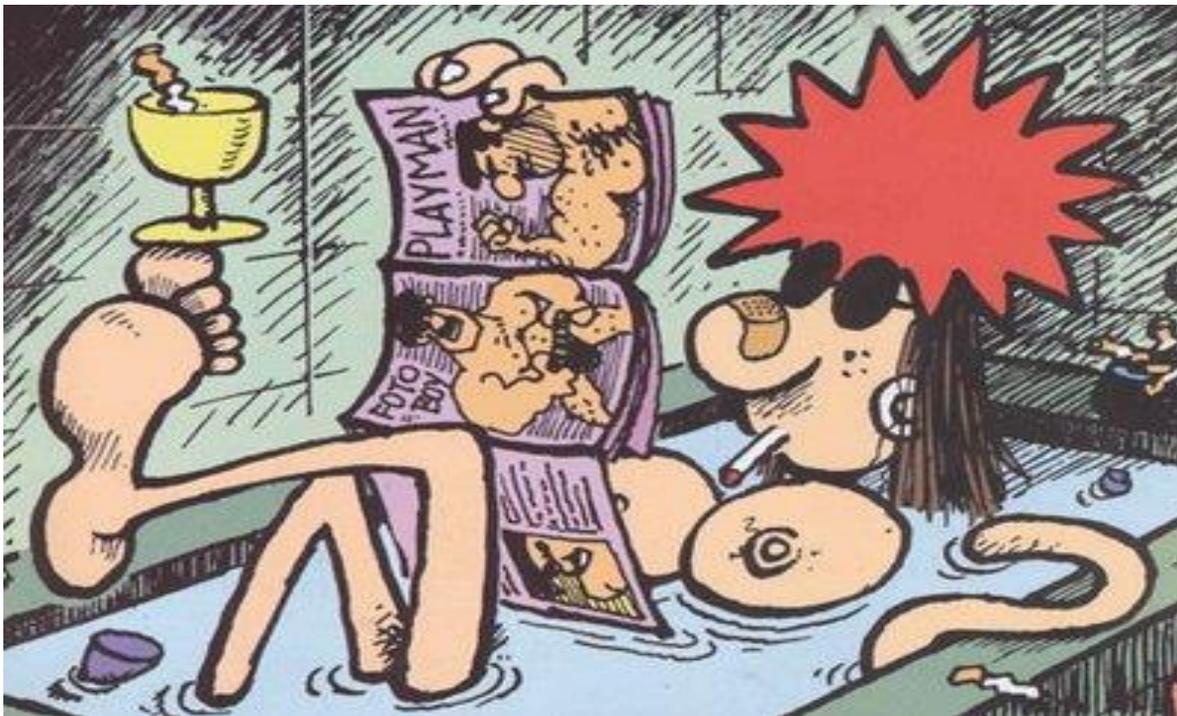
### As diversas faces de Rê Bordosa na cena brasileira da década de 80.



O contrato de comunicação na Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2008) envolve os aspectos *situacional* (domínio do saber, status do parceiro, finalidade e objetivo do locutor) e *comunicacional* (identidade dos parceiros, regras e saberes linguageiros).

Intertextualmente, as HQ's de Angeli nos remetem a acontecimentos situados na época de 1980, tais como os dilemas da condição feminina de classe média urbana pós Revolução Sexual, militância política, abuso sexual, AIDS, alcoolismo, liberalismo exacerbado e movimentos pós II Guerra Mundial. Quanto à organização comunicacional, de acordo com os elementos citados por Charaudeau (2008), a finalidade das HQ's de Angeli é retratar, através do humor gráfico, da sátira e da ironia, os acontecimentos ocorridos na sociedade na década de 80. A identidade dos parceiros, determinando “quem fala o quê?”, é representada pelo próprio cartunista Angeli, realizando um trabalho de polifonia e dialogismo interno, fazendo com que sejam ouvidas várias vozes dentro de um mesmo quadro. O propósito pode ser referido a uma sátira social,

política e econômica vivida pelo país na cena oitocentista, abordando-se o gênero feminino na tentativa de se libertar das amarras impostas pela sociedade, uma mulher que conquistou sua independência sexual, seu espaço no mercado profissional e social, não se reconhecendo como estereótipo forjado perante a sociedade a que se nega, abordando positivamente questões fundamentais ao status social, como o casamento e a integração às normas, porém não para ela.



Para que seja configurado o contrato comunicacional, existe ainda o espaço de limitação e estratégia. O espaço de limitação é satisfeito no momento em que Angeli, segundo Charaudeau (2008), é reconhecido no seu poder e no seu saber fazer. Isso acontece quando, na leitura de seus HQ's, existe a construção de sentido. O espaço de estratégias se refere aos recursos individuais que o sujeito-comunicante utiliza com o propósito de influenciar o outro no ato de linguagem. De acordo com Charaudeau (2008), essas estratégias estão situadas em três planos: legitimidade, em que o cartunista Angeli é reconhecido pelo seu trabalho; a credibilidade decorrente do fato de suas HQ's serem veiculadas num meio de comunicação renomado em

todo território brasileiro e a captação, que se refere ao grande número de leitores do jornal *Folha de S. Paulo*.

Observando o que foi explanado acima, as HQ's, enquanto modo descritivo, e levando-se em consideração os elementos que a compõe, depreende-se que o cartunista Angeli idealiza o leitor, que de acordo com Charaudeau (2008), denomina-se sujeito-destinatário. Angeli prevê um leitor atento, dotado de visão crítica de mundo e fiel, já que, grande parte de suas HQ's faz referência a publicações de edições anteriores.

Foto digitalizada da edição especial *A morte da porraloca*, p. 61.





Fotos digitalizadas da edição especial A morte da porraloca, pp. 62-63.

As identidades construídas nas HQ's da Rê Bordosa nos mostram uma mulher sem idade definida, alcoólatra, ninfomaníaca, desbocada, desprovida de bom senso, promíscua, libertina e transgressora. Antes escondida, Rê Bordosa nos mostra uma mulher que se expressa como ser real, ocupando lugares que antes só eram permitidos aos homens, uma mulher que sabia do seu potencial, que se virava por si mesma, sem a ajuda de homem algum. Demonstrando ser uma mulher liberal, Rê Bordosa demonstra abertamente seu interesse pela realização sexual fora do casamento, tornando-se conhecida por se apresentar em situações um tanto quanto inusitadas frente à moral cristã e machista brasileira, oscilando entre noites de farras e dias de ressaca imersa em sua banheira.

ANGELI  
apresenta:

# RÊ BOYDOÇA

A MULHER ESPONJA





Fonte: sistema de busca de imagens do Google



Tira de estréia de Rê Bordosa na Folha de São Paulo, 4 de abril de 84.

No entanto, sempre surgia diante da tresloucada Rê Bordosa os “demônios” da época: a culpa cristã, o conflito generacional e a psicanálise freudiana. Porém Rê Bordosa sempre optava pela válvula de escape distinta às práticas feministas, refugiava-se no sexo, nas bebidas e nas drogas para mostrar sua discordância perante as imposições do sistema. Como todo e qualquer ato possui suas consequências, era comum Rê Bordosa aparecer lastimando-se submersa em sua banheira numa forma de castigo por suas transgressões.

Como punição única e final, Angeli, após casar Rê Bordosa com o garçom Juvenal, ceifa a vida de sua revolucionária personagem da maneira mais terrível possível. Não foi cirrose, nem AIDS e muito menos afogada em sua banheira de depressão, Rê Bordosa não teve um fim assim tão previsível quanto imaginávamos, ela morreu de tédio pós-matrimônio.

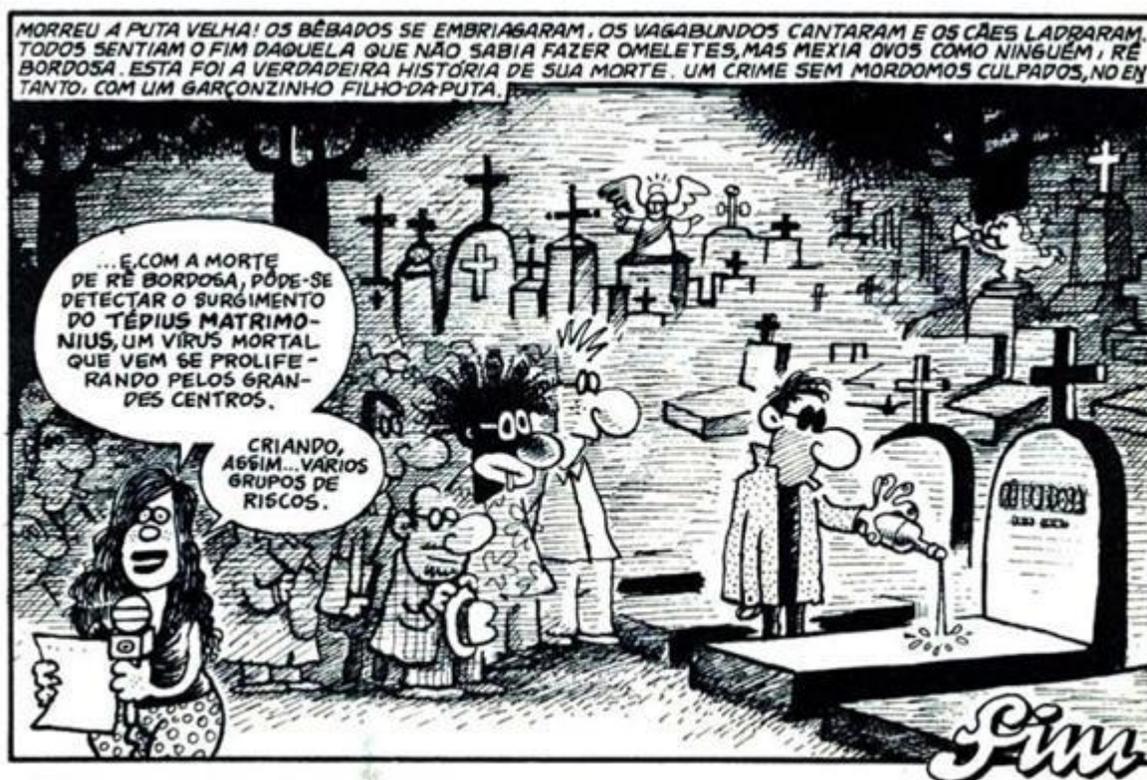


Foto digitalizada da edição especial *A morte da porraloca*, p. 66.

## Conclusão

Por meio de seu personagem, o cartunista faz com que o destinatário, sujeito interpretante, reflita criticamente sobre a realidade, observando o conflito presente no cotidiano do espaço externo (realidade da sociedade), explicitando e abordando dilemas e posicionamentos sobre diversos temas, grande parte tabus, tais como o aborto, drogas, prostituição feminina e alcoolismo. É nitidamente visível como a obra do cartunista Angeli se situa num contexto histórico marcado pelo debate da modernidade *versus* pós-modernidade, no que tange à construção de identidades e sentido de seu personagem. Assim sendo, se o sujeito-interpretante não interagir socialmente ou não manter relações intrínsecas entre o linguístico e o social e não for capaz de construir o contexto da enunciação, o contrato comunicacional será desfeito e o ato da linguagem não surtirá seus efeitos, restando à HQ o papel de meros gráficos, ilustrações.

## Referências Bibliográficas



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



AMOSSY, R. (2006) *L'argumentation dans les discours*. Paris: Armand Colin.

CHARAUDEAU, P. (2008) *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004) *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.

MARI, H.; MACHADO, I.L.; MELLO, R. (2001) *Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso FALE-UFMG.